



# **ARTIGO DA SEMANA**

## **CENÁRIO ECONÔMICO 2026**

**ANDRÉ KALININ - GERENTE GERAL DA SUNCOKE ENERGY**  
**BRASIL - EMPRESA CLIENTE DA WISDOM**

### **CONTEXTO GLOBAL - DO MACRO AO MICRO:**

Na atual conjuntura falar sobre cenários econômicos, sejam mundiais ou domésticos, não é mais uma ciência baseada em dados e projeções, mas sim um exercício de adivinhação onde tudo pode mudar em um “piscar de olhos”.

Guerras inesperadas, resgates cinematográficos, chacinas, polarização, manipulação de mercados, fake News, redes sociais, tiroteios, vídeos curtos, influenciadores e outros aspectos, tornaram análises técnicas e/ou fundamentalistas obsoletas; tudo é baseado no “ashke” (a arte de: achar que), nos likes e no número de seguidores, enquanto fatos e dados são descartados. Entretanto, no mundo real, eles é que trarão os resultados reais, bem como a manipulação dos mesmos, cedo ou tarde, se refletirá na realidade “nua e crua”.

Para traçar um cenário, é importante ter um olhar o mais abrangente possível e verificar as tendências mundiais, sociais políticas e econômicas, para depois aproximar a “lupa” para o contexto regional, a fim de analisar um setor específico.

Percebe-se no mundo uma reorganização clara das zonas de influência, em decorrência das ações das grandes potências, em busca da sonhada liderança e referência mundial. Podemos hoje identificar 5 grandes blocos buscando o objetivo de ditar a nova ordem econômica.

O primeiro grande bloco, formado por China e Rússia, com grande influência sobre a Ásia e a África, representa globalmente 25% do PIB, 43% da população e 40% da área territorial, força que não ser desprezada, dado o seu potencial de crescimento. Neste bloco, a China leva claramente vantagem na liderança, ao mesmo tempo em que enfrenta certa desconfiança mundial quanto à sua credibilidade ao fazer negócios e quanto ao seu sistema sócio-político.

O segundo grande bloco é o Americano, um velho conhecido. Sua influência é exercida nas Américas, Ásia e Oriente Médio, que representam 39% do PIB mundial, mas somente 10% da população e 17% do território, o que limita seu crescimento. Neste mesmo contexto, existem ainda as constantes pressões sobre o Canadá e o México, alianças que sempre estão vivendo algum tipo de crise, além da frágil relação com Israel e Arábia Saudita que, apesar de aliados dos americanos, essencialmente não possuem uma base comum e são basicamente opostos.

Este grupo ainda traz consigo uma imperfeição comportamental e antagônica. Seus últimos feitos pendem da esquerda para a direita, da transparência para a obscuridade das ações, das situações e dos regimes políticos que não encontram similaridade, fatos que acabam não passando a segurança necessária, para quem deseja manter a posição de grande líder mundial.

O Terceiro bloco é o Europeu, que representa 21% do PIB, mas apenas 6% da população - já envelhecida e 7% de um território super explorado, o que limita o seu crescimento, resultando em uma economia madura e quase em estagnação, com um sistema político que procura recuperar uma identidade própria e que tem uma visão da gestão de custos e de preços praticamente inacessível, para a grande população mundial.

Estes três principais blocos procuram de alguma forma consolidar seu reconhecimento mundial e quiçá, conquistar a liderança e o respeito, em um mundo que atualmente procura identidade e referências confiáveis tanto econômica quanto socialmente.

Isso posto, esses três principais blocos, flertam com dois outros blocos em construção, que procuram a sua própria identidade ou com quem se alinhar. Neste contexto estão Brasil, Turquia e Singapura, países com relações bilaterais fortes tanto com o bloco Sino-Russo quanto com o bloco Americano, enquanto acenam para o bloco europeu, em busca de uma terceira via.

Brasil, Turquia e Singapura representam 4% do PIB e da população e 6% do território, com grande potencial de crescimento. Nele, o destaque é o Brasil, que faria diferença em qualquer uma das zonas de influência.

Por fim temos a joia da coroa, a Índia, um caso especial! Sozinha representa 4% do PIB mundial e 18% da população, tem o maior potencial de crescimento e está na encruzilhada para decidir a qual bloco pertencer ou, traçar seu próprio caminho. O certo é que, ela é o único país que sozinho, pode conferir o status de líder da economia global a qualquer dos três principais blocos.

Com estes 3 grandes motores econômicos mundiais em 2026 - o Sino-Russo, o Americano, o Europeu e uma incógnita - a Índia, os cenários de crescimento econômico deles são respectivamente: 7% o Sino-Russo, 2,5% o Americano, 1% o Europeu e 7,5% o Indiano. Isso se compara à média mundial projetada em 3,3% e a do Brasil estimada em apenas 1,85%.

Na luta pela hegemonia econômica mundial, o Brasil não é a peça mais atraente do tabuleiro. Ele tem demonstrado interesse de se integrar, não com um, mas com todos os blocos simultaneamente, situação que, para concretizar-se, irá exigir extrema habilidade diplomática.

Um dos maiores diferenciais do Brasil nesse trade off do interesse econômico dos blocos, é a situação de paz territorial que lhe caracteriza historicamente. Portanto, a integração a esses blocos ou, a qualquer um deles, irá definir o nosso futuro econômico e talvez até político.

Político? Sim político! São três blocos com características bem diferentes, o Sino-Russo apoia-se em um sistema centralizado forte, o Americano em uma democracia baseada na meritocracia e o Europeu em uma democracia social, ou seja, ainda que divergentes entre si, eles se toleraram em virtude da necessidade de integração econômica, à qual o mundo está hoje sujeito e interligado, mesmo com a batalha pela hegemonia em pleno desenvolvimento.

O Brasil deverá mostrar em 2026, um baixíssimo crescimento econômico. Vive o desafio de um crescimento populacional lento de 0,52% ao ano, enquanto que, a população idosa, cresce a um ritmo de 3,3%, ou seja, quase 7 vezes mais, pressionando a previdência social em um país onde a dívida pública, que era de 6,6% em 2022, subiu para 18% em 2025. A dívida bruta que era de 73,5% do PIB em 2022, já era de 78,7% do PIB em 2025.

Com estes dados, vemos que o cenário econômico não é promissor e dependerá da capacidade do Brasil controlar seu déficit primário e a inflação, reduzir os juros e promover seu crescimento.

Para reduzir déficit primário a receita é simples: ampliar arrecadação e reduzir custos, porém o que vemos é que ampliar arrecadação se faz aumentando impostos e que os custos só crescem, sobretudo os previdenciários (12% do PIB), a folha de pagamento do governo (14% do PIB) e os programas de transferência de renda (2,5% do PIB). Já os cortes são nos investimentos (0,6% do PIB) e no custeio (3% do PIB) de hospitais, escolas, segurança, etc., gerando mais negatividade.

No que tange ao déficit total, temos ainda o impacto da taxa de juros da dívida pública (baseada na taxa Selic), nossa principal ferramenta de controle da inflação. Isso nos coloca em um looping econômico no qual, não é possível reduzir a Selic sem o risco de elevar a inflação. As contas do governo crescem e excedem suas receitas.

Portanto, ele precisa pegar mais dinheiro, para financiar seu custeio, ampliando as despesas com juros e criando um cenário econômico desfavorável para 2026, o qual é agravado pelas eleições majoritárias, onde falar em cortar custos é quase “um sacrilégio”.

Resta-nos confiar na iniciativa privada, ou seja, na parcela de crescimento do PIB que é avaliado pela oferta: serviços (70%), indústria (23%), agronegócio (7%) e pela demanda: consumo famílias (64%), investimentos (16,8%), gastos governo (18,1%) e balança comercial (1,1%).

Neste cenário, vale relembrar que na demanda estão inclusos os gastos previdenciários (12% do PIB), transferência de renda (2,5% PIB) e investimentos do governo (0,6% do PIB), que fazem parte do déficit primário do governo. Portanto, a parte saudável da demanda é 84,5% do PIB e a privada é 66,5% do PIB. Esta é a parcela que deverá ser o motor do crescimento em 2026, ou seja, é a oferta do PIB que nosso empresariado está pronto para entregar e, para este crescimento, é fundamental concretizar nossas alianças com os blocos econômicos citados.

Na composição do PIB o agronegócio é o mais promissor e com maior potencial, neste contexto a China é o nosso maior parceiro, respondendo por 30% de nossas exportações, seguida pela Europa com 15% e os Estados Unidos com 10%. No que tange à indústria, a China se destaca com 28% das exportações, enquanto os Estados Unidos ficam com 12% e a Europa com 5%.

Com estes dados, parece que o melhor - para expansão - seria aumentar nosso fluxo para os EUA, maior economia mundial, com o qual nosso comércio parece tímido, além de também buscar oportunidades na Europa, sem perder a parceria atual que temos com a China.

O Brasil tem investido na relação como a Europa, porém não tem aprofundado sua relação com os Estados Unidos, portanto não é de se admirar, que devamos esperar que a economia em 2026 repita o resultado alcançado em 2025, com exceção das oportunidades comerciais que possam surgir em decorrência das guerras em andamento.

Não devemos nos esquecer da importância de nos aproximarmos da Índia, cuja taxa de crescimento é de 7% ao ano e tem a maior população mundial. Isso nos abre um leque de alternativas não vistas há muito tempo. Para nós, o fato que não podemos negar, é que no Brasil está em ano eleitoral e que, em ano eleitoral, nenhum governo se mostrou disposto a cortar custos para reduzir o déficit fiscal. Assim sendo, o melhor a fazer é esperar a repetição dos resultados de 2025, bem como prestar muita atenção aos candidatos à presidência e a seus planos econômicos para, ao menos, termos esperanças em 2027.

## **SETOR INDUSTRIAL - O VIÉS DA SIDERURGIA: CONTEXTO GLOBAL E DINÂMICA DE COMÉRCIO**

Para os nossos clientes siderúrgicos, 2026 segue marcado por volatilidade e competição global intensificada. O excesso de capacidade é o “pano de fundo” mais relevante. Estimativas setoriais apontam que a capacidade global excedente pode atingir 721 Mt até 2027 (1), elevando a pressão sobre os preços e as margens, ampliando as disputas comerciais entre as regiões.

## **AMÉRICA LATINA: IMPORTAÇÕES E PRESSÃO COMPETITIVA**

Na América Latina, a discussão central permanece sendo a crescente participação de importados no consumo. Projeções para 2025 indicavam importações equivalentes a 39,7% do consumo regional, com a China respondendo por 45,4% do volume (2). Esse quadro reforça a expectativa do mercado regional em relação a medidas de defesa comercial, câmbio e custos logísticos.

## **BRASIL: SINAIS RECENTES E IMPLICAÇÕES PARA 2026**

No Brasil, a leitura dos clientes combina cautela na demanda com atenção redobrada à competitividade frente a importados. Indicadores setoriais apontam crescimento de 42% nas importações de aço plano no 1º trimestre (ano contra ano) (3), com participação chinesa muito elevada em alguns produtos (até 91,5%). Em paralelo, projeções indicaram o país a caminho de importar cerca de 6.3 Mt de aço laminado em 2025 (4), o que pressiona formação de preços e a capacidade de repasse.

## **POLÍTICAS COMERCIAIS: TARIFAS DOS EUA E EFEITOS DE SEGUNDA ORDEM**

A política comercial dos EUA segue sendo elemento de reprecificação global. A manutenção e expansão de tarifas (Seção 232) tende a redirecionar fluxos para outros mercados e elevar a probabilidade de competição em terceiros países, inclusive na América Latina (5). Para os nossos clientes, isso amplia a importância de monitoramento regulatório e de agilidade comercial.

## **DESCARBONIZAÇÃO COMO FATOR DE COMPETITIVIDADE:**

A agenda da descarbonização se consolida como requisito competitivo. Exigências de rastreabilidade, eficiência energética e conformidade ambiental já impactam as negociações com grandes consumidores e as condições de financiamento. A visão dominante é que a produtividade e a sustentabilidade precisam caminhar juntas.

## **RISCOS E INCERTEZAS PARA 2026:**

- ▶ **SOBRECAPACIDADE GLOBAL PERSISTENTE:** A tendência de excesso de capacidade, manterá a pressão de preços e incentivará exportações agressivas.
- ▶ **ESCALADA OU RECONFIGURAÇÃO DAS BARREIRAS COMERCIAIS (EUA e outros):** As mudanças em tarifas e/ou em cotas, poderão redirecionar volumes para a América Latina.
- ▶ **CÂMBIO E CUSTO DE CAPITAL:** As oscilações impactarão diretamente as margens, a demanda, o capital de giro e as decisões de investimento.
- ▶ **DEMANDA IRREGULAR POR SETOR FINAL:** A construção, a infraestrutura e os bens de capital poderão avançar em ondas, com ciclos curtos de reposição dos estoques.

- ▶ DEFESA COMERCIAL DOMÉSTICA: O timing e o desenho das medidas (antidumping, salvaguardas e/ou licenças), poderão alterar rapidamente o ambiente competitivo.
- ▶ CUSTOS E EXIGÊNCIAS DA TRANSIÇÃO ENERGÉTICA: Uma maior pressão pela redução das emissões e a exigência de rastreabilidade dos insumos, poderá elevar os custos no curto prazo, mas abrirá espaço para a diferenciação mercadológica.

### **CONCLUSÃO:**

Em síntese, 2026 tende a premiar disciplina financeira, velocidade de reação comercial e ganhos estruturais de produtividade. A capacidade para enfrentar e superar a volatilidade do mercado, sem perder a participação relativa junto a clientes estratégicos.

**Andre Vassilnenko Kalinin** é Engenheiro Mecânico Pós-graduado em Gestão Empresarial pela FGV e Especialista em Gestão de Negócios pela Wharton University. Reúne mais de 12 anos na Gestão Industrial da MARS Inc nas Unidades de Mogi-Mirim, São Caetano e Guararema - SP. Nos últimos 20 anos está à frente da Gestão Empresarial da SunCoke Energy Brasil no setor Siderúrgico.